

**O PROFESSOR, O ALUNO, A ESCOLA E A SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA: UMA PESQUISA COM PROFESSORES E ALUNOS DA
REDE PÚBLICA ESTADUAL DA CIDADE DE MOGI MIRIM-SP**

Maurício Bronzatto¹, Ricardo Leite Camargo², Kleber Tüxen Carneiro³, Eliasaf
Rodrigues de Assis⁴

RESUMO

Partindo do diagnóstico de La Taille (2006) sobre a existência de um mal-estar ético presente na sociedade contemporânea e evidenciado em uma pesquisa que este mesmo autor comandou no ano de 2005 entre jovens da capital paulista, realizamos, nós mesmos, uma investigação semelhante junto a 85 professores e a 566 alunos do Ensino Médio da rede pública estadual da cidade de Mogi Mirim SP. O objetivo foi verificar se na nova realidade investigada encontraríamos o mesmo fenômeno social, sobretudo relacionado ao universo escolar. A representação de professores e alunos sobre a Educação e a escola atuais; as interações e os conflitos escolares; as influências recebidas para a formação da identidade; o olhar e as expectativas que ambos apresentam sobre o comportamento atual e o papel ideal do outro; eis alguns dos principais aspectos pesquisados: professores e alunos detêm pontos de vista opostos em relação à contextualização dos conteúdos ensinados: os primeiros os avaliam como tendo grande relação com o cotidiano dos alunos; estes, por sua vez, não enxergam a mesma relação e tacham o currículo e a escola de obsoletos. Uns e outros estão de acordo sobre uma crise de valores na sociedade contemporânea, debaixo de cuja influência enxergam muitos adversários ao seu redor. Apesar dos inúmeros conflitos, a maior parte dos quais resolvidos com animosidade, o que faz com o que o professor se sinta entre poucos amigos, os alunos continuam reconhecendo em seus mestres pessoas

¹ Graduado em Letras pela FIMI e em Pedagogia pela FAC São Roque; doutor em Educação Escolar pela Unesp-Araraquara; professor dos cursos de Pedagogia, Direito e Administração da FAC São Roque. Reside em Mogi Mirim, SP - Brasil.

² Pedagogo, Mestre e Doutor pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); professor da Universidade de São Paulo (ESALQ-USP) e membro do Laboratório de Psicologia Genética/Unicamp. Reside em Americana, SP - Brasil.

³ Possui graduação em Educação Física, é Especialista em Pedagogia do Movimento, Mestre e Doutorando em Educação Escolar pela Unesp-Araraquara. Atualmente é docente nas Faculdades Network com atuação nos cursos de Educação Física e Pedagogia. Reside na rua Júlio de Marmile, 142 Santa Rosa - Nova Odessa, SP - Brasil CEP 13460-000. kleber2910@gmail.com ou klebercarneiro@nwk.edu.br

⁴ Sociólogo, Mestre e Doutorando Educação Escolar pela Unesp-Araraquara, com pesquisas em temas como Psicologia do Desenvolvimento Moral e Aprendizagem Ética. Professor dos cursos de Serviço Social e Pedagogia da FAC São Roque. Professor de pós-graduação no MBA da Veris-Metrocamp em Campinas. Reside em Jundiaí, SP - Brasil.

de grande importância para a sociedade e para o seu desenvolvimento pessoal. Quando perguntados sobre o que consideram as duas maiores necessidades da sociedade em que vivem, ambos dão o mesmo parecer: Educação e Ética. Contudo, trata-se de uma voz, em geral, cúmplice de um movimento crepuscular do dever cuja influência repercute nos domínios escolares.

Palavras-chave: a escola e a sociedade atuais, aluno, conflitos escolares, crise de valores, formação de valores dos jovens, professor.

**THE TEACHER, THE STUDENT, THE SCHOOL AND CONTEMPORARY
SOCIETY: A SURVEY WITH TEACHERS AND STUDENTS OF PUBLIC
SCHOOLS OF CITY OF MOGI MIRIM-SP**

ABSTRACT

Based on the diagnosis of La Taille (2006) on the existence of an ethical uneasiness in contemporary society and this evidenced in a study that led the same author in 2005 among young people in the capital city, we, ourselves, conducted a similar investigation along with 85 teachers and 566 high school students from public schools in the city of Mogi Mirim SP. The goal was to investigate if in this new reality we would find the same social phenomenon, especially in relation to school. The representation of teachers and students on education and school today; interactions and school conflicts, the influences received for the formation of identity, attitudes and expectations both present on the current behavior and the ideal role for each other; these were some of prominent aspects surveyed: teachers and students hold opposing views regarding the contextualization of the contents taught: The first evaluate them as having great relationship with the daily life of students but they, in turn, can not see the same relationship and regard both the curriculum and school as obsolete. A few agreed on a crisis of values present in contemporary society, and under its influence, see many opponents around them. Despite numerous conflicts, most of which resulted in animosity, which makes teachers feel they are not among friends, students continue to recognize that their professors are people of great importance for society and for their own personal development. When asked what they consider the two greatest needs of the society they live in, both give the same advice: Education and Ethics. Yet, it is one voice, in general, an accomplice of a merging movement of responsibility, which influences scholastics.

Keywords: crisis of values, formation of values of young people, school and society today, school conflicts, student, teacher.

UMA JUSTIFICATIVA PARA ESTA INVESTIGAÇÃO: O MAL-ESTAR ÉTICO CONTEMPORÂNEO

La Taille (2006) lembra que, embora a palavra ética esteja na ordem do dia, o que poderia pressupor uma realidade efetivamente orientada por seus influxos, aparece relacionada a uma demanda quase desesperada por limites, controle, sinal de que alguma coisa não vai nada bem. Seja na política, seja nas empresas, seja na produção científica, com seus inúmeros comitês e comissões, o que está em pauta são regras de conduta, deveres, uma inflação deles. A proliferação dessas diversas “éticas” são “o sintoma de uma espécie de fúria normatizadora à qual assistimos hoje, e que as estreitas balizas do ‘politicamente correto’ traduzem com perfeição” (p.28).

Para este autor, o que está em jogo é uma crescente desconfiança em relação à consciência moral dos indivíduos que, uma vez infantilizados moralmente, precisam ser controlados e, quanto mais controlados, mais infantilizados se tornam. O diagnóstico não é nada animador “porque julga-se que algo vai mal nas relações sociais, que a desonestidade se banaliza, assim como se banalizam as incivilidades e a violência, que a honra se esvai e que reina a desconfiança” (p.28). E tome regras, a maioria das quais órfãs de princípios consistentes que as justifiquem. Acontece, segundo este autor, o que Canto-Sperber (citada por LA TAILLE, 2006, p.28) chamou de “fetichização da regra”.

O progresso crescente da violência, o desrespeito pelas diferenças étnico-raciais, o agigantamento da indústria do tráfico de drogas que deixa cidades inteiras sequestradas pelo medo de suas decorrências, o esfriamento dos vínculos afetivos e a efemeridade dos relacionamentos, o febricitante consumismo que faz delirar e endividar populações inteiras, a proliferação das doenças psíquicas, o individualismo e o egoísmo exacerbados, a desestruturação das famílias, a falta de honradez nos compromissos e no empenho da palavra dada, o descaso pelos desfavorecidos, a corrupção em todos os setores da vida, entre outros, diagnosticam o que La Taille (2006) definiu como “mal-estar ético”.

Os resultados de uma pesquisa recente (março e abril de 2005) realizada por La Taille e Harkot-de-La-Taille (LA TAILLE, 2006) confirmaram tal diagnóstico: a 5.160 jovens de instituições de ensino médio da Grande São Paulo os autores aplicaram um

questionário cujas perguntas abrangiam três grandes categorias: 1) eu/sociedade, com questões relacionadas às instituições e agentes institucionais; 2) eu/outrem, com questões relacionadas ao convívio nos espaços público e privado; e 3) eu/eu, com questões relacionadas a projetos de vida e confiança na sua realização. Destacamos os seguintes aspectos:

- O espaço público aparece como ameaçador ao jovem, pois nele enxerga mais adversários do que amigos e mais agressividade do que diálogo.
- Ao refletir sobre como os conflitos são resolvidos no mundo de hoje, 48,5% disseram que “muito mais” pela agressão do que pelo diálogo, enquanto 42% disseram que “mais” pela agressão do que pelo diálogo.
- O jovem desconfia grandemente das instituições políticas e seus representantes.
- Ele elege a moral como essencial para a sociedade, com particular destaque para a justiça, a honestidade e a humildade.
- À pergunta “Qual dos cinco itens abaixo você acha mais importante para a sociedade?”, obteve-se: 59% - moral; 15,3% - ciência; 10,7% - política; 10,2% - religião; 4,7% - arte.
- À pergunta “Qual das quatro virtudes abaixo você acha mais importante para a sociedade?”, 44,5% elegeram a “justiça”; 35,3%, a responsabilidade; 14,1%, a competência profissional; e 6,1%, a tolerância.
- Quanto a seus desejos, eles recaem essencialmente sobre ser tratado de forma justa e viver uma vida que vale a pena ser vivida.

Os dados apresentados corroboram a presença desse mal-estar ético a que nos referimos. Quando deixa o espaço público porque este lhe aparece como ameaçador, o jovem deixa também de cooperar e sinaliza que as relações de respeito mútuo, base de uma moralidade autônoma (PIAGET, 1932/1994), estão ausentes, não estão sendo construídas. A agressão dá o tom na hora de os conflitos serem resolvidos. Ao lado da

desconfiança que as instituições políticas e seus representantes lhe inspiram, ele elege como urgentemente necessárias a moral e virtudes como a justiça, a honestidade e a humildade, prova de que existe um anseio por cumprimento de deveres, respeito aos direitos e práticas de ações virtuosas onde hoje elas estão ausentes. Destaque-se que o jovem, não obstante sua incursão no mundo tecnológico prefere a moral à ciência, vendo na primeira uma possibilidade premente de reconfiguração do espaço público quanto à devolução das relações de confiança perdidas. Perguntados sobre o que julgam mais importante para suas vidas, a justiça aparece em primeiro lugar. Implicitamente há um anelo por reverter situações de injustiça que frequentemente acometem a sociedade.

Frente a esse cenário, como mobilizar famílias, escolas, demais instituições e pessoas em geral para uma educação, formalizada ou não, que, embora não desconsidere a necessidade da transmissão da cultura construída historicamente, precisa fazê-lo de modo a privilegiar não somente um legado de informações, mas, e principalmente, um legado de atitudes frente ao próximo e ao mundo? Como poderíamos contribuir para a desmobilização desse mal-estar ético que, segundo vimos, parece recrudescer no meio da sociedade brasileira?

O CREPÚSCULO DO DEVER

Lipovetsky (1994), para quem estamos vivendo um tempo em que as “liturgias do dever demiúrgico” deram lugar a um comportamento balizado por um minimalismo ético, acredita que, qualquer que seja o sucesso atual das perspectivas éticas, não há reabilitação da cultura sacrificial do dever: entramos no período pós-moralista das democracias. Com a liquidação dos ideais de abnegação, triunfa uma moral indolor, que elege novos imperativos, tais como juventude, saúde, lazer, sexo, entre outros.

É a ética que faz figura e não o desejo imperioso em qualquer tempo e em qualquer lugar; estamos desejosos de regras justas e equilibradas, não de renúncias a nós mesmos; queremos regulações e não sermões, sábios e não pais-do-pudor; apelamos à responsabilidade, não à obrigação de consagrar integralmente a nossa vida ao próximo, à família ou à nação. (p. 56-57).

Menin, Shimizu e Silva (2009) reconhecem essa reinterpretação dos valores – lida a partir de categorias como “diferença”, “cultura” e “gênero” – diante das demandas

sociais contemporâneas, que coloca em xeque as pretensões morais das Luzes, o que não significa que a fronteira entre o bem e o mal tenha se turvado. Conforme Barrere e Martuccelli (2001), apenas não se assenta mais em critérios transcendentais consensuais. Suas considerações são, cada vez mais, estritamente funcionais. Para os autores, a nova exigência ética articula-se mais em torno do desejo de comunicação horizontal com outrem, mas não é, “ao contrário da razão prática tradicional e de suas preocupações antes de tudo morais, fonte de normas de ação” (p. 269). O dever, portanto, é menos moral, no sentido exato do termo, e muito mais ético.

De acordo com Comte-Sponville (1995), poderíamos dispensar a moral se o amor fosse uma viva realidade presente em e entre nós. Nenhum imperativo nos faria agir melhor do que as recomendações desse sublime sentimento. Mas não amamos, portanto a moral é-nos tão necessária, lamenta o autor. Porém o que ela pode num mundo onde o dever é átono e os novos “imperativos” éticos não impõem renúncias nem sacrifícios? Sabemos perfeitamente o que devemos fazer e, não raro, damos muitas demonstrações verbais disso. A consciência do dever chega, em algumas situações, a nos tomar de assalto. Não é, pois, a ignorância quanto ao que fazer a nossa maior dificuldade, mas a motivação para tal. A pergunta que nos fustiga é: como fazer se somos tantas vezes covardes e não generosos? A filosofia levanta a questão; a psicologia se propõe a respondê-la: se o dever moral se tornar uma representação importante que a identidade do sujeito elege para si, ele será um querer forte no conflito contra outros que o colocarem à prova (LA TAILLE, 2006, 2009). Mas ainda subsiste um problema: “o mais autônomo dos seres fica na dependência, para poder estabelecer projetos de vida, das condições objetivas de sua realização e, é óbvio, tais condições dependem não apenas dele, mas também de pautas existenciais colocadas pela sociedade em que vive” (LA TAILLE, 2009, p. 47). Numa cultura em que se assiste a um achatamento dos valores, a construção da personalidade ética fica severamente comprometida. O “antídoto” proposto por La Taille (2009) são ações educacionais diligentes para que se estabeleça uma cultura do sentido e do auto-respeito¹. Antes, porém, de colocar tais ações em prática, é preciso conhecer a realidade que as estão demandando. Foi o que procuramos levar a efeito com as pretensões de nossa pesquisa empírica, cujos objetivos apresentamos a seguir.

¹ A propósito, foi partindo de tal problematização que levamos a efeito, em outra oportunidade (BRONZATTO, 2010), uma investigação entre adolescentes cujo objetivo era aferir a influência de um gesto magnânimo de compaixão no enfrentamento do crepúsculo do dever.

OBJETIVOS

- 3.1 - Investigar se esse mal-estar ético, tal como evidenciado nos dados reunidos por La Taille e Harkot-de-La-Taille (LA TAILLE, 2006), comparece também em nossa realidade mais imediata atuação profissional.
- 3.2 - Desde que comprovado semelhante diagnóstico, buscar compreender suas razões, sem dúvida um passo fundamental para oportunizar intervenções tão aguardadas na educação de nossos dias.

MÉTODO

A tarefa que nos propusemos foi a de realizar, agora na cidade de Mogi Mirim, interior do Estado de São Paulo, uma investigação semelhante à de La Taille e Harkot-de-La-Taille (LA TAILLE, 2006) junto a jovens estudantes da capital. Baseando-nos no mesmo instrumento que estes autores criaram à ocasião de sua investigação, o APE – Avaliação do Plano Ético –, elaboramos dois novos questionários intitulados “O jovem, a escola e a sociedade contemporânea” e “O professor, a escola e a sociedade contemporânea”, que submetemos, respectivamente, durante o mês de agosto de 2011, a 566 alunos do Ensino Médio e a 85 professores, todos da rede pública estadual da cidade de Mogi Mirim.¹

RESULTADOS E ANÁLISE²

RESULTADOS DA PESQUISA: “O PROFESSOR, A ESCOLA E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”

A REPRESENTAÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A EDUCAÇÃO E SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

¹ Os instrumentos poderão ser conferidos na íntegra nos Anexos I e II, ao final deste artigo.

² Tanto para professores quanto para alunos, os dados não discriminarão o sexo dos entrevistados, sendo apresentados globalmente.

Embora a confiança do professor mogimiriano na Educação atual esteja enfraquecida (57% dizem “confiar pouco” ou “não confiar”, e 53% afirmam que as chances de a Educação melhorar, nos próximos cinco anos, são “pequenas” ou “inexistentes”), percebemos um otimismo docente em relação à importância de sua função e da escola pública para o progresso da sociedade: cerca de 90% dos entrevistados atestam o valor da escola pública e dos professores como alavanca para o desenvolvimento social.

75% dos professores reconhecem a grande influência de sua jornada profissional na constituição de sua identidade. Eis um dado interessante, que nos leva à seguinte constatação: os entrevistados não apenas “estão” professores, como se sua atuação profissional fosse um parêntese indesejado em sua vida; eles “são” professores. Ou seja, ser professor não é uma segunda pele que muitos têm que vestir a contragosto por várias horas durante a semana, mas algo essencial à vida, fator de personalidade. Esse dado é confirmado por outro: 94% disseram que sua realização pessoal depende, em grande medida, de sua atuação profissional atual.

Cerca de 97% dos entrevistados entendem que aquilo que ensinam é “muito importante” ou “importante” para o cotidiano dos alunos. Sob esse ponto de vista, temos uma confrontação à queixa recorrente do alunado contemporâneo em relação aos conteúdos que lhe são apresentados, queixa traduzida em perguntas como estas: “para que serve isso?”; “onde eu vou usar isto?” Se os entrevistados estiverem certos em sua opinião, ou seja, se a educação que vêm oferecendo se faz de forma contextualizada e problematizadora, indo diretamente ao encontro das inquietações presentes de seus alunos, perderia força, ao menos na realidade investigada, um discurso muito propagado de que a escola precisa se reinventar.

AS INTERAÇÕES E OS CONFLITOS ESCOLARES SEGUNDO OS PROFESSORES

Em relação ao convívio e à interação professor-aluno, esta pesquisa referendou, em boa medida, o mal-estar contemporâneo já anteriormente mencionado, fenômeno, aliás, largamente divulgado por pesquisas acadêmicas e pela mídia. As opiniões se dividiram: 44% dizem ter, entre seus alunos, “muito menos” ou “menos” adversários do que amigos; 29% se acham cercados “tanto por adversários quanto por amigos”; e 26% advertem: temos, atualmente, “muito mais” ou “mais” adversários do que amigos nos recintos escolares. A hostilidade dos estudantes parece se avolumar na escola atual.

Seria preciso identificar, entre outros aspectos, se esse mal-estar é sinônimo de perigo ou de oportunidade para a relação educativa; que causas estão na origem desse desconforto; se a leitura de tal adversidade por parte dos professores não vem orientada por expectativas antigas acerca de um alunado domesticado e sem voz; se o aumento de sua incidência não se explica por uma frouxidão em responsabilizar os transgressores.

Um outro dado vem confirmar esta tensão no ambiente escolar: 67% dos professores responderam que os conflitos na escola hoje são resolvidos “muito mais” ou “mais” pela agressão do que pelo diálogo. Se pensarmos que a escola é uma pequena sociedade que reflete o funcionamento da sociedade maior em que os sujeitos estão inseridos, somos levados a considerar que o mundo atual é, cada vez mais, um lugar perigoso, cheio de incivildades. Outro aspecto a ser considerado é o seguinte: se a agressão protagoniza a resolução dos conflitos, é urgente que a escola encontre alternativas para que os educandos privilegiem o diálogo, a cooperação e a tolerância às diferenças.

A NECESSIDADE DOS PROFESSORES SEGUNDO OS PROFESSORES

Quanto às expectativas dos docentes para o exercício de suas funções, praticamente a totalidade dos entrevistados considera como “muito importante” ou “importante” os seguintes aspectos: “reconhecimento”, “respeito”, “revalorização da autoridade docente”, “ser mais ouvido”, “clientela interessada”; “segurança”, “sanções mais severas às infrações”; “melhor remuneração”, “recursos tecnológicos”, “amigos”, “jornada reduzida” e “formação continuada”. O destaque dado a cada um desses itens comprova a complexidade implicada no sucesso educacional. Não basta somente elevar a estima do professor, revalorizando seu lugar de autoridade e ampliando o alcance das suas reivindicações; é preciso também remunerá-lo melhor. Não basta fornecer-lhe todo um aparato tecnológico para tornar suas aulas mais interessantes; a clientela também precisa fazer a sua parte. Não basta dar-lhe oportunidade para investir em sua formação, se o respeito mínimo ao seu trabalho e à sua integridade não é observado. Temos, portanto, que resolver problemas de ordem estrutural, instrumental, moral, relacional, psicológica e social, apenas para citar alguns. Somente uma reforma abrangente que atinja todos estes aspectos trará mais dignidade à função docente.

A NECESSIDADE DA SOCIEDADE SEGUNDO OS PROFESSORES

De acordo com os entrevistados, a sociedade atual precisa, e muito, de “Educação” (56,5%), “Ética” (37,5%) e “Religião” (26%), os itens mais apontados. Em seguida, vieram a “Política” (9,5%), a “Ciência” (7%) e a “Arte” (3,5%). A escolha maior ter recaído sobre “Educação” confirma o valor que os docentes atribuem à escola pública e a eles mesmos, protagonistas do processo educacional. A segunda maior escolha ter sido a “Ética” justifica-se pelos diagnósticos anteriores: o mal-estar contemporâneo que, nos ambientes escolares, faz um número sem conta de vítimas, entre as quais se acham incluídos muitos professores. Se os relacionamentos forem pautados pela Ética, o respeito e a revalorização da autoridade docente estarão garantidos, e a insegurança será bem menor. O item “Religião” aparece entre os primeiros três provavelmente em virtude de um anseio por cumprimento de deveres, de regras, em suma de que os indivíduos passem a ser novamente idôneos, confiáveis e que se guiem por princípios de justiça, generosidade e honradez. Vale destacar o descrédito que os professores devotam à “Política” (9,5%), possivelmente decorrente de causas que o senso comum facilmente explicaria. Estranha-nos o fato de a “Ciência” receber tão pouca adesão (7%), sobretudo num mundo tecnológico como o nosso que ousa alardear a “cura” de todos os males, a “solução” de todos os problemas e a resposta a todas as perguntas. Entristece-nos, embora seja compreensível, o fato de a “Arte” ficar em último plano (3,5%), prova do desprestígio e do descaso para com a cultura que, se mais incentivada, poderia se tornar um instrumento de emancipação e de suporte para a resolução de inúmeros problemas.

A NECESSIDADE DOS ALUNOS SEGUNDO OS PROFESSORES

Quando apresentamos aos professores alguns itens e pedimos que nos apontassem quais as maiores necessidades dos alunos atuais, mereceram destaque: “Interesse” (50%) e “Dedicação” (25%). Podemos ver em tal escolha o desejo docente de, ao observar tais comportamentos em seus alunos, voltar a se sentir valorizado. Outra necessidade grandemente prestigiada foi “Pais com autoridade sobre os filhos”, a segunda maior escolha, com 47%, resultado em que vemos refletida a expectativa de que a família se comprometa com a escola e, em assim fazendo, seja parceira neste processo tão importante de formação de seus filhos, deixando de delegar a

responsabilidade à instituição escolar e de assumir a postura ora de indiferença, ora de crítica injustificada aos educadores.

Passemos, a seguir, aos resultados da pesquisa realizada com os alunos do Ensino Médio. Será uma boa oportunidade de justapormos suas respostas às dos professores, e assim delinear um quadro mais completo da realidade educacional do entorno investigado.

RESULTADOS DA PESQUISA: “O JOVEM, A ESCOLA E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”

A ESCOLA ATUAL SEGUNDO OS ALUNOS

A relação do jovem com a escola segue se apresentando como uma relação de amor e ódio. Perguntados sobre o grau de confiança que depositam na instituição, os estudantes se dividiram em suas opiniões: 50% dizem “confiar” e “confiar muito”, enquanto 50% dizem “confiar pouco” e “não confiar”. Embora essa ambivalência possa traduzir a contraposição de duas posturas distintas que o alunado mogimiriano atual assume – os que levam a escola a sério, de um lado, e os que, há muito já deixaram de fazê-lo, de outro –, podemos, aqui, procurar outras explicações.

Começamos apresentando uma possível contradição: para 86% dos alunos a escola é “muito importante” e “importante” para seu desenvolvimento pessoal. Como conciliar o fato de que os jovens continuam acreditando na função social propedêutica da escola ao mesmo tempo em que se avoluma a desconfiança a ela devotada? Analisados em conjunto, esses dados confirmariam a prevalência de uma representação antiga da escola no imaginário da sociedade, qual seja: a de alavanca do progresso e mantenedora de sonhos infanto-juvenis. Aliás, para 51% dos jovens “Educação” é a maior necessidade da sociedade atual, seguida pela “Ética” (22%). No entanto, o empate técnico entre os graus de confiança, anteriormente mencionados, faz entrever um avanço do pessimismo. Depreende-se disso que as apostas na educação e na escola para o desenvolvimento pessoal e social são mais um apelo, quem sabe um grito por mudanças, do que a constatação de uma influência efetiva. Fazendo uma analogia, os resultados em questão equivaleriam à predominância da percepção do “copo meio vazio” em relação à do “copo meio cheio”. Assim nos arriscaríamos a afirmar que subsiste um discurso favorável – talvez muito mais em razão de uma esperança histórica

e sempre urgente e da necessidade de que ele se concretize do que de sua efetividade atual – coexistindo com um desapontamento crescente de quem assiste um pouco por dia à irrelevância (para não dizer falência) da instituição escolar.

Em busca de evidências de que o equilíbrio percentual entre confiança e desconfiança é, sobretudo, indício do crescimento desta última entre os jovens (o que nos faz pressupor que a confiança encontra-se em queda livre), outros dados desta pesquisa vêm em nosso auxílio: apenas para 18% dos alunos a escola é um lugar no qual se ensinam “muitas coisas” sobre os problemas da sociedade e sobre como enfrentá-los. Para 52,5%, a escola ensina “algumas coisas”. Completam o quadro 25% que responderam que a escola ensina “poucas coisas” e 4,5% para quem a escola não ensina “nada” sobre os problemas da sociedade e sobre como enfrentá-los. A pujança da instituição escolar como lócus privilegiado de interpretação da realidade se volatiliza. Outrora detentora das respostas e dos saberes que facultavam acessos sociais àqueles que depositavam em suas mãos as expectativas de um futuro promissor, hoje a escola é avaliada como carente de uma necessária reinvenção. Em outras palavras, ela não tem acompanhado o fluxo da vida, segundo os jovens entrevistados. A sociedade se modificou, e o currículo encontra-se obsoleto, já que não cumpre sua função social de acompanhar essa transformação, dando aos egressos à vida adulta o lugar tão almejado.

Talvez seja por isso que quando questionados sobre qual a maior necessidade da escola atual, 30% das respostas recaíram sobre “aulas mais interessantes” (o item mais escolhido). Essa tendência pode refletir a pouca contextualização dos conteúdos à realidade do alunado contemporâneo. Contudo, não se pode descartar a hipótese de que a queixa sobre “aulas mais interessantes” muitas vezes se relaciona a uma recusa do aprendiz em se submeter à aridez que os processos de aprendizagem o convidam.

Dois últimos dados corroboram o descrédito à instituição e a tudo o que a ela se relaciona: 73% dos entrevistados atribuem “média” e “pouca influência” da escola nos valores que possuem hoje. E quando são convidados a avaliarem a influência como partindo de seus professores – representantes por excelência da instituição escolar, logo emblemas de seu *modus operandi* – a categoria “muita influência” não foi além de 22,5% das respostas.

O QUE MAIS INFLUENCIA OS VALORES DOS JOVENS SEGUNDO ELES MESMOS

Precisamos nos deter no conjunto de dados que visavam avaliar as influências a que os alunos estão sujeitos, sobretudo no que diz respeito a valores que incorporam a sua maneira de conceber o mundo. Não fomos específicos nesta abordagem, por julgar que o senso comum toma o termo “valores” por aquisições de ordem positiva que vão se integrando à identidade do sujeito. Acreditamos, portanto, que as respostas dos participantes da pesquisa assumem “valores” como ganhos, como diferenciais.

Se 73% dizem que a influência provinda da escola é “média” e “pequena”; se os professores, não obstante o seu esforço, acabam contribuindo com uma “média influência” (51% das respostas, o item mais votado); se os amigos ocupam um lugar ainda menos honroso nos valores do jovem contemporâneo (a “média” e “pouca” influências totalizaram 63,5%), vale perguntar: de onde adviriam as pautas valorativas que estão constituindo o jovem pesquisado? A mídia (principalmente internet e tevê) – resultado até certo ponto previsível – abocanha uma fatia considerável: 67% apontaram sua influência como “média” ou grande (“muita influência”). Mas nada ainda comparado à influência dos pais: “muita influência” (75%) e “média influência” (17,5%), totalizando 92,5%. A propósito, o grau de confiança que depositam na família continua altíssimo: 82% dos alunos disseram “confiar muito” (65,5%) e “confiar” (16,5%).

A supremacia da família pode ser vista até de forma banalizada, se focalizarmos apenas a obviedade da força dos laços consanguíneos e afetivos que costumam dispensar outras explicações. Como professores e amigos ultrapassariam pais, se esse vínculo é tão primordial e fundante na experiência humana? Não queremos refutar o resultado: a pesquisa vem confirmar o que nossas hipóteses – antigas, diga-se de passagem – já prognosticavam. O objetivo é alargar um pouco a compreensão das implicações desse resultado. Vamos em duas direções. Em primeiro lugar, essa preferência pelos pais lança por terra uma leitura frequente que povoa os diagnósticos sobre a participação da família na instituição escolar. Ora, os dados bastam para afirmar a presença das famílias, em especial dos pais ou daquelas figuras parentais que cumprem esse papel. Ou seja, os desdobramentos das relações familiares desembocam no ambiente educacional.

Se admitirmos que os valores, especialmente os valores nucleares atrelados à constituição psíquica do indivíduo, aqueles mesmos que sofreram a influência maciça

dos pais, segundo nos disseram os filhos, se admitirmos que eles são investimentos afetivos que determinam em boa medida as suas ações e comportamentos (LA TAILLE, 2006), as famílias estão amplamente representadas. A questão toda se resume em saber – e esta é a segunda direção – qual a qualidade dos vínculos familiares, uma vez que a queixa dos professores em relação a um mal-estar ético na escola, que teria como protagonistas os alunos, é bastante contundente. Sob esse ponto de vista, a responsabilidade pelas incivildades, pelas atitudes de desrespeito e pelas infrações à moral recairia sobre a família, que não estaria cumprindo seu papel de distender essa tensão em seus jovens e tampouco oferecendo um ambiente para a elaboração dos conflitos típicos da idade. É evidente – não podemos pecar por ingenuidade – que a vida não tem essa pretensa linearidade. Ou seja, a todo instante assistimos a pais muito bons fracassando na tarefa de formar filhos tão idôneos quanto eles. Fato menos comum, de outra parte assistimos a filhos de famílias com desajustes colossais fazendo opções diametralmente opostas às de seus progenitores.

Outro fato a considerar: nem só de psicologia e moral vivem as famílias, mas de toda uma complexidade que inclui aspectos históricos, sociais, econômicos, entre outros. Sem querermos culpabilizar sumariamente as famílias, não podemos, no entanto, deixar de envolvê-las no necessário processo de reflexão e diálogo para revisão de posturas e posicionamentos que acabam rebentando no universo escolar e fazendo não poucas vítimas. O que esta pesquisa estaria a nos evidenciar é o fato de que as famílias não perderam a voz, como frequentemente se denuncia. A voz está presente, inscrita no *modus vivendi* dos jovens. Contudo, trata-se de uma voz, em uma infinidade de casos, cúmplice de um movimento crepuscular do dever, que denota uma moral sem substância, narcísica, que não se envergonha de afirmar o EU como a medida de todas as coisas (LIPOVETSKY, 1994). Essa conclusão nos remete invariavelmente a outra: os pais, influenciadores de seus filhos como ainda se mantêm, podem cumprir um papel importante se suas pautas de onde recolhem os valores que os orientam na vida, bem como a seus filhos, sofrerem uma transformação considerável. Resta que as famílias também precisam ser educadas.

Se os professores estiverem corretos quanto ao diagnóstico de mal-estar na escola, nestes domínios teríamos a reprodução de vários microcosmos da periculosidade dos comprometidos vínculos familiares atuais, o que tornaria o ambiente educacional altamente conflituoso e hostil.

A NECESSIDADE DA ESCOLA SEGUNDO OS ALUNOS

Digno de nota é um resultado que podemos tomar como uma auto-avaliação do jovem entrevistado: cerca de 20% das respostas (o 3º item mais prestigiado) apontam “alunos mais estudiosos” e “mais respeitadores” como a grande necessidade da escola atual. Este percentual é o mesmo obtido para “bons professores”, prova de que nossos entrevistados recusaram-se a escolher o caminho mais fácil de atribuir a responsabilidade totalmente a outrem. Conclui-se, disso, que eles parecem entender que os professores, sozinhos, não conseguem responder pela escola dos sonhos; os alunos precisam fazer a sua parte. Indo, porém, numa outra direção, deixam de enxergar o item “pais com maior autoridade sobre seus filhos” como uma necessidade importante da escola atual (apenas 7,5% das respostas o elegeram). As causas desse resultado podem ser variadas. Seria preciso um estudo mais apurado para investigá-las. Restam-nos elaborar algumas hipóteses: ou os alunos não se veem necessitados de limites provindos dos recantos familiares; ou não enxergam uma integração entre vida familiar e escolar, portanto não experimentam nenhuma contradição entre o filho obediente e o aluno indisciplinado; ou experimentam verdadeira repulsa por qualquer movimento que denote autoridade, relacionando-a a algum tipo de coerção contra a qual esta faixa etária não raro costuma rebelar-se; ou, ainda, não veem por que motivo seus pais deveriam representar, num âmbito diferente do da família, qualquer influência, sobretudo no que diz respeito à prevalência de regras, acordos ou padrões de comportamento.

COMO OS ALUNOS VEEM OS PROFESSORES

Quando solicitamos que avaliassem a importância dos professores para o progresso da sociedade, 88% disseram-nos que este profissional é “importante” e “muito importante”. Aliado a outros dados congêneres que, não obstante desprestigiados, ainda são eloquentes quanto à importância do papel da escola e da educação, esse item patenteia algo importante para qualquer proposta de reinvenção da escola: os alunos seguem admirando os professores. E mais: sua posição reflete também a opinião do entorno. Os professores podem até ter seu brilho ofuscado, mas sua representatividade é um pavio sempre pronto a incender-se.

Embora se multipliquem os casos de agressões físicas e verbais a professores, e a mordada, agora vinda do alunado hostil, esteja bem presente nas melhores salas de

aula do nosso Brasil, não se inviabilizou uma reaproximação. O que está temporariamente adormecido conserva um potencial para realizar, ainda, muitas proezas. A admiração e a reverência do aluno mantêm-se presentes, ousamos afirmar, ainda que as escolas colecionem muitos acontecimentos que depõem contra esse fato.

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DOS JOVENS ENTREVISTADOS

Ao investigarmos as relações interpessoais dos jovens entrevistados, obtivemos que 58,5% dizem possuir “muito mais adversários do que amigos” e “mais adversários do que amigos”, enquanto 24% responderam que possuem “tanto adversários quanto amigos”. Esses dados encontram ressonância em outros, anteriormente descritos: o decréscimo da influência dos amigos nos valores pessoais dos entrevistados. O espaço público aparece ao jovem como ameaçador, razão que o compele a deixar de estabelecer vínculos cooperativos e sinaliza-nos que as relações de respeito mútuo, alicerce da autonomia moral, estão ausentes. A hostilidade é o recurso de que se lança mão quando os conflitos aparecem: para 77,5%, no mundo de hoje predominam as incivildades. Em sua opinião, os conflitos são solucionados “muito mais pela agressão do que pelo diálogo” (40,5%) e “mais pela agressão do que pelo diálogo.” (37%).

A NECESSIDADE DA SOCIEDADE SEGUNDO OS JOVENS

Ao lado da desconfiança que as instituições políticas e seus representantes lhe inspiram (apenas 11% apostam na política como a maior necessidade da sociedade atual), ele elege como urgentemente necessárias a Educação (51%) e a Ética (22%), deixando-nos entrever um clamor para que deveres e direitos sejam respeitados e virtudes, ora ausentes, voltem a marcar presença em seu cotidiano, se considerarmos que a escolha “Educação” contém expectativas que estão além de uma mera preparação para o mercado de trabalho.

Da mesma forma como os dados da pesquisa anterior em que nos baseamos demonstraram, os jovens estudantes por nós entrevistados preferem, apesar de toda a virtualidade tecnológica que os cerceia, a Ética à Ciência (5,5%). Ficamos com a mesma explicação fornecida por La Taille (2006): é a Ética que poderá devolver ao espaço público de convívio a segurança que tanto desejamos para as nossas relações interpessoais.

SOBRE SUA REALIZAÇÃO PESSOAL

Perguntados sobre suas chances de se realizarem na vida, 53,5% dos jovens dizem que são “grandes” e 38% dizem que são “moderadas”. Apenas 5,5% dizem que são “pequenas”, e 3,4% que são “inexistentes”. Esse otimismo demonstra a sobrevivência da autoestima no jovem mogimiriano, não importa que o cenário tenha sido descrito, em alguns momentos, de maneira tão desfavorável. Essa esperança é a centelha a que a Educação pode se apegar para se motivar a mobilizar famílias, escolas, demais instituições e pessoas em geral para uma educação, formalizada ou não, que, como já o afirmamos, embora não deva desconsiderar a necessidade da transmissão da cultura construída historicamente, precisa permear esse legado de um *ethos* fundamentalmente humanizador.

EM RESUMO...

- Embora vista com certa reserva e avaliada como pouco contextualizada ao tempo presente e às inquietações efervescentes dos jovens, a escola pública, na opinião do estudante mogimiriano, tem papel destacado em seu desenvolvimento pessoal. Os professores seguem sendo vistos como tendo participação fundamental no progresso da sociedade, além de serem em parte responsáveis pelos valores que o aluno possui hoje.
- Sobrepondo-se à escola, a mídia (sobretudo a TV e a internet) aparece como grande influenciadora da visão de mundo e dos valores do jovem contemporâneo, ocupando, inclusive, um espaço antes reservado aos amigos.
- Por falar em amigos, as relações interpessoais são encaradas com considerável desconfiança no mundo atual. O cenário aponta para um clima de incivildades: o jovem enxerga mais adversários do que amigos ao seu redor e constata que os conflitos são resolvidos mais de forma hostil do que por meio do diálogo.
- A família, que hoje recebe muitas críticas por pouco se envolver, por pouco responsabilizar seus filhos e por não se apresentar como parceira da escola no

processo educacional, segue soberana nas escolhas dos estudantes: além de depositarem muita confiança nela, reconhecem, acima de toda comparação, que seus pais são os grandes responsáveis pelos valores que acumularam até o presente momento.

- Em relação às perspectivas futuras, o aluno mogimiriano apresenta um grande otimismo, julgando grandes as suas chances de se realizar na vida.
- Suas maiores apostas para que a sociedade em que vive melhore estão na Educação e na Ética, fazendo coro com as expectativas dos professores. Duas questões podem estar implicadas nestas escolhas: a transformação social tão prometida por uma educação de qualidade e o anseio por uma sociedade pautada pela justiça e pela igualdade.
- Quando olham para as necessidades da escola, deixam claro um apelo por “aulas mais interessantes” e “bons professores”, porém não se furtam de fazer uma autocrítica, dando peso considerável à importância de alunos mais estudiosos e respeitadores. Compreensível, no entanto, vindo da parte dos jovens, foi o pequeno destaque dado ao item “pais com maior autoridade sobre seus filhos”, aspecto grandemente prestigiado quando esteve sob análise dos professores.
- Merecem destaque os pontos de vista diametralmente opostos quando comparamos as opiniões de professores e alunos em relação à contextualização dos conteúdos ensinados: os primeiros os avaliam como tendo grande relação com o cotidiano dos alunos; estes, por sua vez, não enxergam a mesma relação. Ambos estão de acordo sobre uma crise de valores¹ na sociedade contemporânea, o que os faz enxergarem muitos adversários ao seu redor. Apesar dos inúmeros conflitos, a maior parte dos quais resolvidos com animosidade, o que faz com o que o professor se sinta entre poucos amigos, os

¹ Com “crise de valores”, os entrevistados denotam o comprometimento dos valores aguardados para a manutenção de uma sociedade sustentável do ponto de vista moral. Embora não desconhecamos as diferentes conceituações que LaTaille, Menin e col. (2009) estabelecem para “crise de valores” e “valores em crise”, julgamos desnecessário para as pretensões desta discussão lançar mão de tais distinções.

alunos continuam reconhecendo em seus mestres pessoas de grande importância para a sociedade e para o seu desenvolvimento pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos testemunhado, em nossos dias, o esgotamento do “tempo da glorificação enfática da obrigação moral rigorista”, a que Lipovetsky (1994, p. 55) se referiu, em que se celebrava a virtude do autodomínio e do sacrifício de si e se exaltavam valores de abnegação e de puro desinteresse. Segundo o filósofo, essa fase heróica, austera e peremptória das sociedades modernas chegou ao fim. A partir de meados do século XX, tem lugar uma nova disposição social dos valores morais, não mais alicerçada naquilo que caracterizou a época anterior: o culto ao dever. Se o dever ordenava a submissão incondicional, nós agora o reconcilhamos com o prazer e o interesse próprios. Mesmo ofensivas atuais contra o aborto livre, o tabaco, as drogas e a pornografia, entre outras coisas, não fazem reviver a religião tradicional do dever. É a ética que abre passagem, anunciando uma moral indolor, livre tanto do moralismo como do antimoralismo. Ao dever incondicional, opõe-se o espírito de responsabilidade. Prefere-se o respeito da ética sem obrigações difíceis. Mas na base de tudo, mantém-se a eufemização do dever; ao invés do imperativo categórico, prevalece o imperativo narcísico (juventude, saúde, elegância, forma, lazer, sexo, sucesso etc.).

Isso não quer dizer que estamos na época do “tudo é permitido”, mas sim na de uma moral sem obrigação nem sanção. Tanto que tal cultura neoindividualista acaba por minar a noção de dever de cada um para consigo mesmo. Os ideais inalienáveis de dignidade e honra, antes tutelados por imperativos incondicionais, acabam orientados pelos direitos subjetivos e pelos desejos. A moral individual torna-se uma moral dessubstanciada à medida que se deixa de acreditar numa educação disciplinar-rigorista da vontade.

Ao lado da desvalorização social dos deveres individuais, os deveres interindividuais agonizam, já que os valores altruístas, em virtude da desculpabilização do egocentrismo e da desobrigação de nos dedicarmos aos outros, deixaram de ser evidências morais aos olhos das pessoas, embora “O que perdeu legitimidade não foi o princípio que determina que se auxilie o outro, mas o que determina que se viva para o outro” (LIPOVETSKY, 1994, p. 152).

Falar em crepúsculo do dever, no entanto, não é associá-lo ao cinismo e ao vazio de valores. Para além da erosão de um número considerável de referenciais, as nossas sociedades reafirmam um núcleo estável de valores partilhados. Assim os critérios do bem e do mal não foram erradicados do espírito individualista. Lipovetsky alude a uma renovação ética que emerge dessa sociedade pós-moralista: uma ética aristotélica da prudência e da responsabilidade – uma justa medida tendo em conta as circunstâncias históricas, técnicas e sociais.

Podemos situar essas questões numa época singular em que os valores morais estão em crise, o que não significa que entraram em colapso ou desapareceram, apenas que estão passando por uma mudança em sua interpretação (LA TAILLE; MENIN e col., 2009). Podemos enxergar perigos, é bem verdade, e nos acautelarmos deles, afinal uma educação responsável não pode prescindir de cautela. Mas podemos também divisar oportunidades. Que educação, subtraindo os excessos que a tornariam irrealizável, poderia negligenciar porções moderadas de utopia?

Podemos, sim, contribuir para a desmobilização desse mal-estar ético que, segundo observamos, tal qual o fizeram La Taille e Harkot-de-La-Taille (LA TAILLE, 2006), parece se intensificar na realidade brasileira, mormente na educacional, universo a que demos maior atenção em nossa investigação. As dificuldades com que o presente nos acena, e que esta pesquisa fartamente atestou, não devem servir como objeto de intimidação. Há muito trabalho a ser feito. “Não se fazem mais professores nem alunos como antigamente”, de forma nostálgica alguns poderão se lamentar *ad aeternum*. Ainda bem, refutaríamos! Alunos e professores como antigamente eram feitos para antigamente. O tempo atual precisa de uns e outros contextualizados, adequados aos desafios atuais, afinal, naquilo que nos diz respeito, de acordo com Paulo Freire (1998), ser educador é trilhar pelas incertezas da vida com a provisoriade do conhecimento e a amorosidade das pessoas que se encontram.

REFERÊNCIAS

BARRERE, A.; MARTUCCELLI, D. A escola entre a agonia moral e a renovação ética. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 76, out. 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

BRONZATTO, M. **A ética do “desperdício”: a influência da compaixão no querer fazer moral de adolescentes**. Tese de doutorado. UNESP, Araraquara SP, 2010.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Cortez, 1998.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Formação Ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y. de.; MENIN, M.S.S. e col. **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIPOVESTSKY, G. **O crepúsculo do dever**: a ética indolor dos novos tempos democráticos. D. Quixote. Lisboa, 1994.

MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M.; SILVA, D. J. Valores evocados nos posicionamentos referentes às cotas para alunos negros ou alunos de escolas públicas. Uma pesquisa entre universitários. In: LA TAILLE, Y. de; MENIN, M. S. S. e col. **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

PIAGET, J. **O Juízo Moral Na Criança**. São Paulo: Summus, 1994 (originalmente publicado em 1932).